

3 + 1

ABASEDOTETODESABA

Carlos Nunes

23.09.22 – 05.11.22

Inauguração | *Opening*, 23.09.22, 18h – 21h

Poderíamos falar de um certo niilismo presente na obra de Carlos Nunes. Um sentimento, ou consciência aguda, que entende e questiona a quebra das estruturas regulamentares do mundo, as suas múltiplas perdas de equilíbrio, a evaporação das bases e grelhas de contorno, sustentação ou administração da experiência. Não visamos com isto apenas um lastro longínquo que possa vir ainda de um, talvez já anacrónico, prenúncio de “fim da História” e de todas as suas grandes narrativas, de uma enfaticamente anunciada “morte de Deus” e de todas as imagens-fortes que lhe sucederam para preencher o vazio deixado, ou mesmo até de uma suspeita nas capacidades de um racionalismo mobilizador em desenhar critérios de verdade absoluta e planos de significação determinados. Tão-pouco podemos falar unicamente num desconsolo, ou descrença, face a um generalizado estado de mundo que, especialmente em anos recentes (mas provavelmente desde sempre), se tem mostrado impiedoso perante as lógicas (políticas, estéticas, ecológicas, económicas, técnicas) de organização humana e da sua reorganização, forçada, da Terra. A pandemia global pela qual todos passámos, sem exclusão, não deixou ainda de sentir-se e fazer imprimir, na ordem dos dias, as suas nefastas consequências sociais, do mesmo modo que pôs a nu as imensas fragilidades da carne e dos corpos. E o Brasil, terra natal e país de residência de Carlos Nunes, que tão profundamente afectado foi pela desastrosa gestão das sucessivas ondas pandémicas, continua ainda a braços com essa nuvem negra, populista e predatória, que paira sobre todos os brasileiros e que tem trazido não só pesadas sequelas para a sua sociedade e território, como igualmente para toda a Humanidade e para o planeta.

É de alguma forma imbuído nestas condições e contradições — de um Tempo geral e dos tempos vividos, de movimentos de pensamento e evidências empíricas que informam não só o seu corpo social e político, mas também o seu corpo de artista —, que o espírito do trabalho de Carlos Nunes se tem conduzido nos últimos anos.

We could say that the work of Carlos Nunes has a certain nihilism. A feeling, an acute awareness, that understands and questions the breaking of the structures that rule the world, its many unbalances, the evaporation of the bases and grids of contour, support or administration of the experience. We are not talking about a distant thread that can still come from, perhaps anachronistically, the premonition of the “end of History” and all its grand narratives, of a previously announced emphatic “death of God” and of all the etched-images that followed to fill the emptiness that was left behind, or even of a suspicion of a mobilizing rationalism and its capacities in devising absolute truth criteria and specific fields of meaning. Nor can we speak solely of a discontent, or disbelief, when faced with a state of the world that especially in recent years (but probably since always), has shown itself to be merciless before (political, aesthetic, ecological, economical, technical) logics of forced human organization and their reorganization of the Earth. The global pandemic that we all went through, without exception, has not yet ceased to be felt and to imprint, in our days, its disastrous social consequences, in the same way it laid bare the immense fragility of flesh and bodies. And Brazil, the land where Carlos Nunes was born and where he resides, that was so deeply affected by the disastrous managing of the successive pandemic waves, is still facing a dark cloud, populist and predatory, that hovers above every Brazilian person, and that has brought not only a heavy toll on their society and territory, but also to all Humanity and to the planet.

It is somehow imbued in these conditions and contradictions — of a general Time and of times passed, of movements of thought and empirical evidence that informs not only his social and political body, but also his body of an artist —, that the spirit of the work of Carlos Nunes has developed in recent years.

However, the nihilism we were talking about is not the one of someone who is overcome by the weight of reality, pessimistic towards the possibility of any change. It is precisely the opposite. Because if

3 + 1

Contudo, o niilismo de que falávamos não é o de alguém que se deixa vencer peso da realidade, pessimista em relação a que alguma mudança possa vir a ser operável. É justamente o seu contrário. Porque se *abasedotetodesaba*, restarão ainda paredes, restará ainda chão. Restará ainda um espaço que não se dissipou totalmente e que poderá ainda ser habitado.

Nesse palíndromo que serve de título à exposição de Carlos Nunes na Galeria 3+1 Arte Contemporânea, o movimento da sua leitura, que normativamente se faria unicamente para diante, faz-se aqui igualmente para trás, acentuando, assim, não só o aparente círculo vicioso que a linguagem possa implicar — o mesmo que dizer: a História e os seus mecanismos de sobreposição e controlo do real — que o artista invoca criticamente, mas, de forma mais determinante, e não por isso contraditória, a possibilidade de que um recomeço possa continuamente ter lugar.

É que o trabalho de Carlos Nunes não tem princípio nem fim. Nem tão-pouco meio. É um processo em permanente mutação e reposicionamento, cujo movimento essencial de actualização é a condição de que esse mesmo movimento nunca tenha término. O que está aí em causa é, pois, uma fracturação dos absolutos, a impossibilidade de que qualquer forma fechada se possa fixar, procurando para isso inserir uma pequena parcela no seu interior, uma pequena variação capaz de alterar todo o resultado, alterando igualmente as regras pelas quais toda a estrutura se regula e sustenta. Percebemos já que todo o niilismo é por isso aparente na poética de Carlos Nunes. Não há aqui angústia, ou depressão. E se em algum momento as há, rapidamente são devolvidas como material de combustão para que a engrenagem continue activa e consequentemente construtiva. Vejamos a série de fotocópias apresentadas no piso superior da galeria, onde pequenos objectos — comprimidos que poderiam atenuar essa(s) doença(s) do(s) Tempo(s) — compõem constelações cósmicas. Ou a grande escultura de cartão do piso inferior que, no seu interior, esconde um “buraco negro” pintado. Num curso entre micro e macro, entre função prática e requalificação simbólica, entre ocultação e desocultação, o que sobrevém é um inteligente jogo especulativo de que Carlos Nunes se serve para rearticular os objectos, abrindo-lhes espaços de toda a ordem, e para seguidamente nos interpelar.

abasedotetodesaba [The base of the ceiling collapses], the walls will still be there, the floor will still be there. There will still be a space that has not completely dissipated and that can still be inhabited.

In the palindrome that serves as title for Carlos Nunes’ exhibition at 3+1 Contemporary Art, the movement in its reading, that as a rule would be only a forward movement, can also be read the other way round, this way accentuating not only the apparent vicious circle of language, but also what can be implied by History and its mechanisms of overlapping and control of the real, which the artist critically invokes. In a more decisive but not contradictory way: the possibility that starting again can continually take place.

Because the work of Carlos Nunes has no beginning and no end. Nor does it have a middle. It is a process in permanent mutation and repositioning, whose essential movement of updating is the condition in which that same movement would never have an end. What is at stake here is, therefore, a fracturing of the absolute, the impossibility of any closed form to be fixed. And in order to do that seeking to insert a small section in its interior, a small variation capable of changing the whole result, and also changing the rules that regulate and sustain the whole structure. We can see how all nihilism is therefore apparent in the poetic of Carlos Nunes. There is no anguish, or depression here. And if at any moment there is some, it is rapidly turned into combustion material to keep the machinery active and therefore constructive. Let’s consider the series of photocopies presented on the top floor of the gallery, where small objects — pills that could alleviate that disease(s) of Time(s) — produce constellations. Or the large sculpture in cardboard on the lower floor that in its interior hides a painted “black hole”. In a path between micro and macro, between practical function and symbolic requalification, between concealing and uncovering, what follows is an intelligent speculative game that Carlos Nunes uses to re-articulate the objects, opening up all sorts of spaces for them, then using them to challenge the viewer.

So, if we thought that all of this was only a unilateral exercise, the result of a subjective practice of an individual who syncretistically draws to themselves materials of distinct natures — as we can see, the

3 + 1

Se pensávamos, então, que tudo isto era apenas um exercício unilateral, fruto da prática subjectiva de um indivíduo que sincreticamente puxa para si materiais de distintas naturezas — como se vê, a maioria das vezes precários, ou aparentemente menos nobres — para neles actuar de forma transviada, numa combinatória quase alquímica, estaríamos, no entanto, muito enganados. Fazemos parte desse jogo, somos um dos binómios da equação: embora sempre contingente, sempre mutável, mas paradoxalmente necessário. Por isso, os desenhos *ocos* que vemos no piso inferior — uma série de palíndromos feitos em variados papéis — não são *ocos*. Não querem ser *ocos*. Feitos num período ocioso (e sabendo quanto o ócio pode ser espaço de criação e produtividade), são desenhos realizados de modo a “preencher esse tempo”. Depois do tempo do artista, somos agora nós que preenchemos esses desenhos com o nosso tempo, com o ritmo da nossa leitura. E fizemo-lo já de outras formas na entrada da galeria: fazendo mover a direcção da *Biruta* pela passagem dos nossos corpos, ou preenchendo momentaneamente de ar, pelos movimentos da nossa presença — e nunca de forma igual —, a *Pipa* construída em papel de seda.

É justamente a partir desse preenchimento de um espaço vazio, de um tempo vazio, de um território ou mesmo dos vazios *entre* vazios, que os dados do jogo poderão ser consecutivamente lançados. Prevendo que o Deus morto niilista possa ser cão, possa estar perto do chão e de zonas impuras, possa ser qualquer ser e qualquer um de nós. E sabendo igualmente que algo oco não significa necessariamente algo vazio: pode ser ovo — matéria fecunda de vida. É a partir daí que novas edificações, novos alinhamentos, novas rearticulações poderão surgir, depois da base do tecto desabar (ou ainda antes). Está aí o potencial político da obra de Carlos Nunes como modelo operacional para o mundo contemporâneo.

majority of which are precarious, or apparently less noble — in order to act on them in a misguided way, in an almost alchemical combination, we would be very much mistaken. We are part of that game, we are one of the binomials in the equation: even though always contingent, always mutable, yet paradoxically necessary. So, the *hollow* drawings that we see in the ground floor — a series of palindromes made in various types of paper — are not hollow. They don't want to be hollow. Produced during a idle period (and knowing how leisure can be a space for creation and productivity), these drawings are made to “fill that time”. After the artist and his time, now we are the ones that fill these drawings with our time, with the rhythm of our reading. And we have done it in other ways at the entrance of the gallery: making the *Biruta* [windsock] move in other directions by just passing with our bodies, or through the movements of our presence, momentarily filling with air — and never in the same way —, the *Pipa* [kite] built in silk paper.

And it is precisely from that filling of an empty space, of an empty time, of an empty territory (sometimes practical, sometimes sensitive, sometimes intellectual), or even in the void between voids, that successively the die can be cast. Predicting that the nihilistic dead God can be a dog, can be close to the ground and impure areas, they can be any being and any of us. And also knowing that something hollow doesn't necessarily mean something empty: it can be an egg — fertile matter of life. It is from that point that new constructions, new alignments, new re-articulations can arise, after the base of the ceiling collapses (or even earlier). And therein lies the political potential of the work of Carlos Nunes, as an operating model for a contemporary world.

David Revés, 09. 2022

Tradução | Translation: Susana Pomba

Em parceria com | In partnership with:

GALERIA
RAQUEL
ARNAUD

3 +1

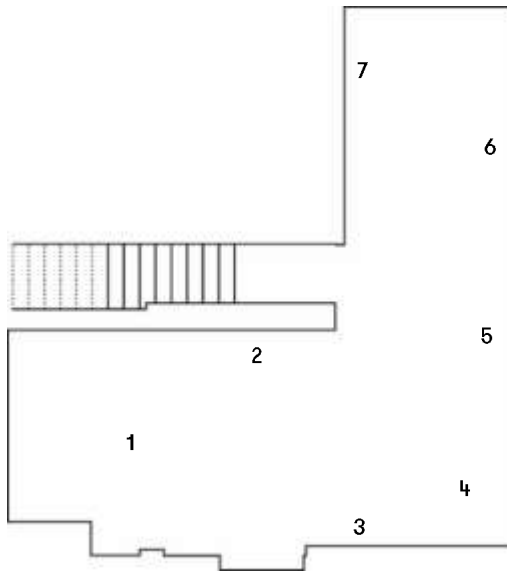
ABASEDOTETODESABA

Carlos Nunes

23.09.22 – 05.11.22

Inauguração | *Opening*, 23.09.22, 18h – 21h

GALERIA | GALLERY 1



1. *Biruta*, 2022

Madeira, plástico, linha, bola de ping-pong, pedra |
Wood, plastic, thread, ping pong ball, stone
Dimensões variáveis | Variable dimensions

2. *GOD DOG / DOG GOD*, para António Dias (*série palíndromos | palindrome series*), 2021-2022

3 elementos, Matriz em madeira e impressão offset
em papel algodão, matriz 90 x 60 cm / papel 70 x 100 cm
3 elements, Wood matrix and offset print on cotton
paper, matrix 90 x 60 cm / paper 70 x 100 cm

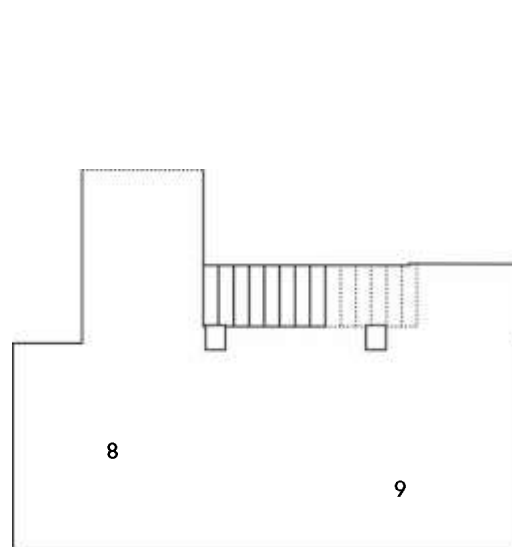
3. *OMISSISSIMO* (*série palíndromos | palindrome series*) 2022

Madeira e bolas de ping-pong | Wood and ping pong
balls, 83 x 4 cm

4. *Pipa*, 2022

Papel de seda e linha, dimensões variáveis |
Tissue paper and thread, variable dimensions

GALERIA | GALLERY 2



5. *OS OSSO* (*série palíndromos | palindrome series*) 2021-2022

2 elementos, Matriz em madeira e impressão offset
em papel algodão, matriz 90 x 60 cm / papel 70 x 100 cm
2 elements, Wood matrix and offset print on cotton
paper, matrix 90 x 60 cm / paper 70 x 100 cm

6. *ABASEDOTETODESABA*, 2022

Barrote de pinho | Pine log, 355 x 8 x 16 cm

7. *Comprimido* (*série fotocópias | photocopies series*) 22 elementos/ *Pill* (*photocopies series*), 22 elements, 2021

30 x 21,5 cm cada | 30 x 21,5 cm each

8. *Infinito*, 2022

Caixa de papelão pintada de preto por dentro |
Cardboard box painted black inside, 170 x 200 x 110 cm

9. *OCO* (*série palíndromos | palindrome series*)

2021-2022, Técnica mista, dimensões variáveis | Mixed
media, variable dimensions